BASTARDOS DE D. PEDRO I

CARLOS STUDART FILHO

Estouvado e de temperamento ardente, jamais tentou o nosso primeiro Imperador colbir os impulsos de sua natureza forte.

"Homem" aos 14 anos, consoante se proclamara em carta ao Conde dos Arcos, de setembro de 1812, fêz de sua adolescência uma autêntica novela; talhou-a nos moldes dos folhetins de capa-e-espada, dêsses que um dia trariam tanta nomeada a Dumas e a Ponson du Terrail. De ânimo combativo, incontinente e contraditório, viveu, aquêle período difícil da existência, ruidosa, alegre e perigosamente.

Muito jovem ainda, divertia-se em perseguir moçoilas descuidadas e no travar-se de razões com noctâmbulos retardios, acaso topados em suas excursões novelescas e escusas. Gostava de meter-se com o populacho e desancar, por nonadas, os súditos reverentes de seu augusto pai e até os próprios milicianos do rei. Seresteiro, ferrador, postilhão, usava, por mera traquinada, conduzir, em carreiras desabridas, por estradas difíceis os pesados coches da família.

Escandalizava com a sua conduta agreste a nobreza tradicionalista e o povo timorato e sentia-se feliz. Era um autêntico transviado, tal como nós o concebemos nos tempos de hoje. Mas era também, e sobretudo, um verdadeiro líder, um varão de extraordinários méritos, o homem forte que iria marcar o destino de duas pátrias irmãs, separando-as e dando-lhes governos constitucionais quando, por tôda parte, ressurgia o despotismo.

Sua primeira aventura amorosa ocorreu — diz-nos um autor que lhe traçou, em côres dúbias e um tanto apressadas, o perfil estranho e gigantesco — antes de lhe despontarem no lábio as penugens de um buço impertinente. Isso em nada diminuiria "a glória do rei que aos reis sobrelevou no misticismo liberal, razão das grandes aventuras que viveu".

Nem obstou tampouco a que "a existência lhe transcorresse brilhante, agitada e até grandiosa" e a "morte lhe surpreendesse na testa o suor do último combate: pertencia à progênie dos cavaleiros; cronològicamente foi o derradeiro dêles".

Uma autêntica paixão houve em sua adolescência; foi Noêmi, a bailarina francesa. Pintam-na escritores imaginosos "como uma boneca de luxo, tôda pluma e frágil" tal um **bibelot** de Sèvres. Seria ela possìvelmente apenas uma mulherzinha da ribalta, amável companheira de noitadas alegres, mas o príncipe a ela se inclinou e prendeu. Conheceram-se no teatro S. João, onde, de ordinário, se acamaradavam e se promiscuíam jovens boêmios de boas cêpas e as gentes de palco.

Sempre arrebatado e perdulário, D. Pedro cobre-a de jóias, de flôres e de sêdas. Endivida-se e, com semelhante proceder, mais enodoa o seu nome, já tão enodoado, e compromete os créditos da família. Arma, com a estroinice, um nôvo escândalo que o Rei recebe com a bonomia habitual. Complacente, mas avisado, D. João põe têrmo ao idílio acintoso, forçando a môça a desposar um oficial de sua guarda e exilando-os ambos para Pernambuco.

Afirmam cronistas ligeiros — de quem aqui nos estamos a servir — ter o príncipe quase ensandecido de dor ao saber-se abandonado. Assim deve ter sido realmente. Tinha 17 anos, a idade por excelência das grandes crises sentimentais.

Dos juvenis colóquios de D. Pedro a Noêmi nasceu uma criança que cedo se finou. Faleceu em Recife, para onde haviam desterrado a genitora e o pai putativo da criança.

Por temor de que o príncipe fôsse cometer maiores desatinos, casam-no cedo. Aos 19 anos uniram-no a uma princesa de alta prosápia e sangue nobilíssimo: D. Maria Leopoldina Josefa Carolina, Arquiduquesa da Áustria, de quem se tornaria o inconsciente algoz.

O precoce himeneu em nada lhe modifica, porém, a pauta de conduta, nem põe freios à sua natureza exuberante, rebelde e amorosa.

Sentimental, a seu modo, e estróina, por índole, aprazia-lhe a existência frascária.

"Chegou aos vinte anos de idade, observa alguém, com o nome envolvido em dois ou quatro escândalos e outros tantos seu instinto de romance farejava insaciável."

À maneira da criança que se debate, chora e ri, levada apenas pela necessidade primária de dar largas à estuante vitalidade que dentro de si palpita, também êle sente a urgência de expandir sua juvenilidade e semear a vida e o amor que tanto lhe sobejam.

Daí o pouco tempo que encontraria para dedicar à espôsa em nove anos de união conjugal. Os raros momentos, em comum, os

fugaces instantes de maior intimidade gastavam êles nos misteres da perpetuação da espécie. A Imperatriz multiplicou-se, por isso, em oito partos sucessivos, o último dos quais a levaria ao túmulo. Mulher, ela lhe serviu apenas para garantir a sucessão dinástica. Jamais foi a companheira amável e a confidente solícita de suas alegrias e de suas aflições, viveram separados porque êle assim o quis.

D. Pedro e D. Leopoldina reuniam-se, ainda, para o cumprimento de solenidades palacianas a que os obrigavam as frouxas regras protocolares, vigentes no paço de S. Cristóvão.

Uma vez por outra, esclarece um autor, saíam ambos a passear a cavalo por veredas tortuosas, mal distintas e íngremes, que, no Rio daqueles inícios de século, serpeavam nas encostas verdoengas do Corcovado. Eram, para a Imperatriz, os seus únicos momentos de enlêvo, no vazio ambiente de uma côrte, que se lhe tornara de certo modo hostil.

D. Pedro crescera rústico e forte, rebelde e aventureiro e nada parecia capaz de lhe sopitar as excessivas ardências. Continuou, pois, um doidivanas, a entregar-se a caçadas de belos olhos femininos e de "sorrisos de mulher".

Já não é, porém, o adolescente "das serenatas, das entrevistas embuçadas, das escaladas de balcões honestos." Persegue amôres fáceis, mas amplia o campo de suas aventuras galantes. Intensifica os assédios às atrizes, de passagem pelo Rio, às costureiras francesas, da Rua do Ouvidor, e às pequenas suburbanas, mas busca amantes entre as jovens da burguesia, a quem por vêzes nobilita, depois de enxovalhá-las.

Sempre ávido de emoções, êle se volta agora para as três filhas de Cauper, Pedro José Cauper, seu guarda-roupa dos tempos de solteiro.

Freqüenta-lhes a residência, procura-as amiúde, homenageia-as; andam juntos, divertem-se, doidejam. Aquelas visitas renovadas soltam a língua ao povo e pela cidade tôda se murmura, chasqueando, haver ali intimidades suspeitas.

Jamais se conseguiu apurar a veracidade das insinuações malévolas; se entre o príncipe galanteador e as môças viçosas houvera algo de duvidoso ou desonesto. Todavia, D. Leopoldina toma os aconchegos por afronta, ressente-se e vai queixar-se ao sogro. Não se afizera ainda aos sofrimentos e humilhações que seriam, dali por diante, o seu calvário...

Mais uma vez, D. João intervém discretamente e manda tôda a família para a Europa. O pai compreensivo, para lá seguirá agraciado com um ofício em Lisboa e que deveria render-lhe a avultosa soma de dezoito mil cruzados (P.S.)

* * *

No rol das comborças imperiais, de que a tradição conservou memória, figura ainda uma Joana Mesquera, mulher decerto insignificante e sem nenhuma projeção histórica. Seu antropônimo deve ser, porém, aqui recordado porque o Imperador teve dela mais um filho adulterino, que recebeu o nome bíblico de José. De seu destino não restam sequer reminiscências vagas.

Pela sua atribulada existência, passaram mais a senhora Bompland, espôsa do naturalista Bompland, Madame Saturville e Cármen Garcia. Foram ligações passageiras, sem nenhuma espiritualidade e de que "ficaram discretos testemunhos".

Aos seus enleios igualmente sucumbiria D. Maria Benedita de Castro Canto e Melo, depois Baronesa de Sorocaba e filha do 1.º Visconde de Castro, João (1740-1826), que lhe deu um filho: Rodrigo (4-XI-1823 a 31-I-1891). Casaria êste bastardo com D. Carolina Bregaro, deixando, diz-nos Salvador de Moya, sucessão no Conde de Seisal e no Visconde de Asseca.

A grande paixão de sua vida foi, porém, Domitila, a imperiosa Domitila, a quem conheceu em São Paulo, quando por lá andava em cavalgatas heróicas a cuidar da nossa Independência. Estranho paradoxo: os acendrados anseios de liberdade política, que o haviam conduzido até ela, levaram-no, também, subreptìciamente, a uma escravização sentimental que deveria durar seis anos a eito, de 1822 a 1828.

De Domitila de Castro Canto e Melo ou Dometilha de Castro Canto, segundo reza o decreto concedendo-lhe a mercê do cargo de primeira dama da Imperatriz, Viscondessa com as honras de grandezas de Santos (12-X-1825), Marquesa de Santos (12-X-1826) e, também, filha do 1.º Visconde de Castro, João (1740-1826), houve:

D. Isabel Maria de Alcântara Brasileira (N. 23-V-1824). Legitimada, foi Duquesa de Goiás, com o tratamento de Alteza (24-V-1926) e casou, em 17-IV-1843, com Ernesto Fichler (4-VI-1810 — 14-V-1867) 2.º Conde de Treuberg. C.S.

Pedro Alcântara Brasileiro (N. 7-XII-1825 — 20-XII-1827).

D. Maria Isabel de Alcântara Brasileira (13-VIII-1827 — 25-XII-1827).

Alguns genealogistas afirmam ter esta bastarda recebido o título de Duquesa do Ceará. Nega-o, porém, C. Reingantz, mostrando que, tendo falecido aos quatro meses, o decreto concessório de tal título jamais chegou a ser lavrado.

Há, todavia, que considerar a existência de um documento de caráter sigiloso, citado por Hugo Catunda, em artigo sôbre a Du-

quesa do Ceará (x), que, sem invalidar de todo a afirmativa de Reingantz, mostra ter sido ela realmente criada Duquesa do Ceará pelo Imperador.

D. Maria Isabel de Alcântara Brasileira (N. 28-II-1830). Legitimada, casou a 2-IX-1848 com Pedro Caldeira Brant (20-V-1814 — 18-II-1881), 1.º Conde de Iguaçu e filho do Marquês de Barbacena.

Domitila foi o grande amor profano de D. Pedro, amor violento, insopitado, avassalador como as tempestades sentimentais que vêm dos instintos. Empolgou-o todo inteiro. Por ela, o Imperador tornou-se um insensato, praticou as maiores loucuras e, também, vilezas. Com ela, fêz reviver na América a triste pornocracia da era do Rei Sol. Depois, tudo passou, os entusiasmos esvaneceram-se bruscamente, sem deixar vestígios naquela alma tumultuada pelo fogo de tantas paixões contraditórias. Rompeu definitivamente com a amásia em 1828.

O Imperador saíra-se com altaneria da grande crise amorosa, mas não vencera a natureza emotiva e galharda. Não se emendara ainda.

(x) Quero referir-me ao trecho do diário íntimo de Dom Pedro I, que, a seguir, se lerá. Malgrado haver sido dado à publicidade há mais de trinta anos, na Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História (ano I, n.º 1, Fortaleza, outubro de 1935) e aparecido também na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, permanece, ao que tudo indica, pràticamente desconhecido da maioria dos linhagistas cearenses. Daí nos parecer interessante transcrevê-lo aqui. Eis o documento:

> «A 13 levantei-me às 61/2 logo chegou José ao dar-me parte de haver nascido uma menina de 13/4 que é minha filha e se há de chamar Maria Isabel de Alcântara Brasileira. Mandei vir a carruagem do Sarmento para ir a casa de sua mãe. Tenho tenção de a seu tempo fazer público seu reconhecimento com o título de Duquesa do Ceará e dando-lhe o tratamento de Alteza bem como o tem sua irmã a Duquesa de Goiás e faço a esta declaração aqui para que ela nada perca em caso de Eu falecer antes de haver publicado seu reconhecimento, e poder êle ser feito pelo que aqui consta que valerá como decreto passado então. Paço da Boa Vista, treze de agôsto de 1827. No fim do artigo tem a minha assinatura do modo abaixo
>
> IMPERADOR».

No alto, em sentido diagonal, está escrita a palavra secreto, esclarece ainda o Sr. Hugo Catunda.

O fato de tal documento jamais haver sido «registrado em peças oficiais» nem constar «de qualquer despachos ou previsões das Secretarias do Reino», acaso não poderia significar que o Imperador considerou desnecessário manter a mercê do título concedido à filha? É possível.

Cedo lhe entraria, por isso, na vida sentimental, para entenebrecê-la e atribulá-la, mais uma mulher: a experiente, ambiciosa e sedutora Clemência Saissait.

O cônsul francês, diz-nos Pedro Calmon (**A vida de D Pedro I**, pág. 157), descreve-a como possuidora dos **agréments exterieurs de l'esprit, des talents et tous les charmes d'une education soignée".**

Era uma senhora, casara com o austero e ciumento comerciante francês Pedro José Félix de Saissait. O Imperador não crê, porém, em virtudes inquebrantáveis. Requesta-a, disputa-a ao marido e faz dela sua amante.

O nôvo descomedimento de D. Pedro abespinha os seus amigos e sobressalta os diplomatas e políticos. Por insinuação sua, andavam êles empenhados em casá-lo mais uma vez e aquêle proceder anômalo, repercutindo desfavoràvelmente nas côrtes européias, ameaçava baldar-lhes os diligentes esforços matrimoniais. Movimentam-se os áulicos e acabam compelindo, a ela e ao marido, a deixarem o Brasil. Forçam-nos a regressarem à pátria de origem, para onde embarcam a 30 de dezembro de 1828. Levava "o marido vinte contos de réis, para o pão do exílio"...

A Clemência iria caber em breve uma gorda pensão vitalícia de seis mil francos, por se ter tornado mãe de um filho do Imperador. Em Paris, a 23 de agôsto de 1829, deu à luz uma criança "batizada com o nome de Pedro de Alcântara Brasileiro, embora registrada como rebento legítimo do casal."

O filho duplamente adulterino de Madame Saissait "a quem coube, por morte de D. Pedro, um legado de 10.512$518", findou os seus dias anônimamente em S. Francisco da Califórnia" (Pedro Calmon).

* * *

D. Pedro não amara castamente. Seu grande e verdadeiro afeto, o seu amor-sentimento, chamar-se-ia Amélia Napoleona de Leuchtenberg, a graciosa filha de Eugênio de Beauharnais e de Augusta Amélia, princesa da Baviera.

Casaram-se por procuração. No momento de ser apresentado à espôsa, a linda Imperatriz que a sagacidade de Brack lhe inculcara e cujos nobres encantos lembravam Josefina, a sua avó americana, D. Pedro é prêso de graves emoções. Sente-se fascinado e rende-se, sem luta, à magia de seus dotes feminis. Selado o matrimônio, êle se transfigurou e surge com uma individualidade nova e de imprevistas virtudes. Do príncipe estouvado, esbanjador e mulherengo, que sempre fôra, nada mais subsiste. Sob o influxo daquela jovem de 17 anos, — a quem a natureza dotara de muitas prendas e meiguices de mulher — ei-lo transformado em homem de família.

Na idade em que outros nobres varões de sua linhagem buscavam aventura fora do lar, êle é simplesmente o marido carinhoso e o pai cheio de dedicação e solicitudes. Mas, nem por isto, deixara de ser um forte. Em sua condição de homem público, conservara, como um patrimônio, as virtudes viris que tanto o singularizaram.

Tal como nos contos de fada, viveu ao lado da Imperatriz num permanente e delicioso enlêvo, que as duras realidades politicas jamais lograriam enturbar.

É certo que alguns anos depois, em Fayal, nos Açôres, às vésperas da sua partida para a conquista do Pôrto, o Imperador, então simples Duque de Bragança, iria envolver-se em novas aventuras amorosas, das quais lhe resultaria mais uma bastarda. Filha, segundo pesquisadores indiscretos, de jovem religiosa, a vergôntea ilhoa dêsse homem extraordinário faleceu aos seis anos e foi sepultada pelos compungidos, respeitosos e modestos patrícios, com honras de autêntica princesa.

Muito não o podemos condenar por ter fraquejado e caído. Imperativos de ordem política, a necessidade de conquistar a adesão da plebe para a causa da Rainha Maria II e de se tornar popular, levaram-no a freqüentar a ralé, meter-se com estudantes e a viver com êles uma vida boêmia e, assim, acabara sucumbindo às tentações da carne...